



Universidade Federal de Ouro Preto
Departamento de Arte Cênicas



Luiz Cândido da Silva Júnior

**PSICOSE 4:48 : SOBRE OS ATRAVESSAMENTOS QUE ME
LEVARAM ATÉ SARAH KANE**

**OURO PRETO-MG
2024**

Luiz Cândido da Silva Júnior

**PSICOSE 4:48 : SOBRE OS ATRAVESSAMENTOS QUE ME
LEVARAM ATÉ SARAH KANE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Artes
Cênicas do Instituto de Filosofia, Arte e
Cultura, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Artes
Cênicas.

Orientadora: Prof^ª Dra. Aline Mendes de
Oliveira

**OURO PRETO-MG
2024**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA
COLEGIADO DO CURSO DE BACHARELADO EM ARTES
CÊNICAS



FOLHA DE APROVAÇÃO

Luiz Candido da Silva Junior

Psicose 4:48: Sobre os atravessamentos que me levaram até Sarah Kane

Monografia apresentada ao Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em direção teatral

Aprovada em 17 de outubro de 2024

Membros da banca

Dra. Aline Mendes de Oliveira - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Bruna Christófaros Matosinho - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Neide das Graças de Souza Bortoline - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Aline Mendes de Oliveira, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 15/05/2025



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Castro de Souza, COORDENADOR(A) DE CURSO DE BACHARELADO EM ARTES CÊNICAS**, em 15/05/2025, às 10:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0911551** e o código CRC **7E2E07EA**.

Agradecimentos

"Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo." Fernando Pessoa

Gostaria de começar este texto agradecendo a mim mesmo — pela força, pela coragem e pela persistência. Por não ter desistido, mesmo quando tudo ao redor parecia convidar à desistência. Por ter encarado o medo de frente, mesmo tremendo por dentro. Essa coragem — que aprendi com minha mãe, mesmo que ela nunca tenha dito com palavras — foi o que me trouxe até aqui.

Maria Flor, você é o amor mais puro que já conheci. Me cuidou com um zelo que jamais encontrarei em outro lugar. Sem você, eu não seria ninguém. Eu não teria chegado até aqui. Obrigado por tudo, por cada gesto silencioso de cuidado, por cada prato de comida quente que me sustentou o corpo e o sonho. Às minhas irmãs, Branca e Sol: obrigada por terem me formado com força e sensibilidade. Ser criado por mulheres me ensinou a ser um homem que escuta, que cuida, que sente. Vocês foram, desde sempre, referência, apoio e amor.

Valéria, minha amiga de infância, mesmo com o oceano no meio, nunca deixamos de estar juntos. Espero sua volta com saudade e alegria. Ana Luísa, Naiara, Joordy e Leonardo: obrigada pelos risos, pelos encontros, pela escuta. Jordy, especialmente, obrigado por estar presente nas horas em que eu mais precisei, sem que eu precisasse pedir. Ana Paula, o que seria de mim sem suas caronas até Peçanha, sem nossos encontros e aquele sentimento bonito de simplesmente estarmos ali, nos apoiando? Luis Carlos, obrigado por me entender profundamente e, com isso, me ensinar tanto. Carol, mesmo distante, você nunca deixou de estar presente com amor. Julia, nossa amizade desde o IF segue me nutrindo com conversas intensas e necessárias. Ronan, obrigado por compreender meu mundo, meu ritmo, meu silêncio. Aos amigos da UFOP: Matheus Frezarin, irmão de batalha desde o primeiro dia em Ouro Preto — seguimos juntos. Emerson, sua luz, sua gentileza e sua presença silenciosa me ajudaram mais do que posso dizer. Licélia, obrigada pelos trabalhos, pelas risadas que mudaram o meu dia. Cauã, obrigado por compartilhar comigo tantas semelhanças.

À família Carmo Teixeira: Jussara, Igor, Carol e, principalmente, Silas. Obrigado por me acolherem como parte da família, por me darem colo e presença. Silas, você esteve ao meu lado em todos os momentos — meu coração agradece por você todos os dias.

Ao projeto POC — Papear, Ouvir e Conscientizar — meu abrigo dentro da universidade. À professora Cláudia, por sua força e sensibilidade, e a todos do grupo, que me ajudaram a permanecer firme mesmo quando o ambiente era hostil. Foi com vocês que entendi que há espaços onde nossa presença é resistência.

Quero dizer que a caminhada foi dura. A solidão, por vezes, se impôs mesmo entre

abraços. Mas eu aprendi a estar comigo, a confiar em mim, a acreditar na minha própria força. Como disse Carl Jung: "Aquele que olha para fora, sonha; aquele que olha para dentro, desperta." E foi assim, me olhando por dentro, que eu despertei para continuar. E como escreveu Karl Marx: "A emancipação do ser humano é o ato de tornar-se sujeito da própria história." Hoje, encerro esse ciclo como sujeito da minha. Sigo com os mesmos sonhos — porque, mesmo sendo “nada”, como dizia Pessoa, tenho em mim todos eles. E sigo com fé: não em deuses, mas em mim, nas pessoas que amo e no que construí ao longo do caminho.

*Não sei sentir, não sei ser humano, conviver
De dentro da alma triste com os homens meus irmãos na terra.
Não sei ser útil mesmo sentindo, ser prático, ser quotidiano, nítido
[...]*

*Vi todas as coisas, e maravilhei-me de tudo,
Mas tudo ou sobrou ou foi pouco - não sei qual - e eu sofri.
Vivi todas as emoções, todos os pensamentos, todos os gestos,
E fiquei tão triste como se tivesse querido vivê-los e não conseguisse.
Amei e odiei como toda gente,
Mas para toda a gente isso foi normal e instintivo,
E para mim foi sempre a exceção, o choque, a válvula, o espasmo.
[...]*

*Não sei se a vida é pouco ou demais para mim.
Não sei se sinto de mais ou de menos, não sei
[...]*

*Seja o que for, era melhor não ter nascido,
Porque, de tão interessante que é a todos os momentos,
A vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger,
A dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no chão, de sair
Para fora de todas as casas, de todas as lógicas e de todas as sacadas,
E ir ser selvagem para a morte entre árvores e esquecimentos
[...]*

“Álvaro de Campos”

PSICOSE 4:48 : SOBRE OS ATRAVESSAMENTOS QUE ME LEVARAM ATÉ SARAH KANE

Resumo

Este artigo busca elucidar os caminhos nos quais eu, como artista, percorri, consciente ou inconsciente, desde o primeiro período da faculdade até a escrita deste artigo, e que me trouxeram até a escolha de Psicose 4:48² de Sarah Kane³ como escolha para o meu TCC prático. Este trabalho tentará fazer um apanhado artístico através dos seguintes tópicos: “Âmago, minha trajetória artística”, “Gênese, minhas inspirações”, “Ontológico, o final,” traçando assim a linha que construí ao longo da graduação que sem perceber emaranhavam-se numa teia que me levava vagarosamente as ideias, estéticas, assuntos e atravessamentos que agora estou aplicando ao meu trabalho prático. Por fim, o artigo tenta trazer o leitor para mais próximo do desenvolvimento dos meus trabalhos e também dos processos que são tão importantes quanto o produto final, e as ideias que fizeram com que eu escolhesse trabalhar com um texto tão profundo e dramático e esclarecer ao leitor minhas escolhas para com ele, bem como registrar minhas ideias e processos por meio de uma escrita poética, sentimental e carregada do meu ser e de minha essência.

Palavras-Chave: Teatro contemporâneo, processos, arte, artístico, caminhos, psicose, 4:48;

² Texto de Sarah Kane

³ Nascida em 1971 no condado de Essex, na Inglaterra, Sarah foi dramaturga, roteirista e diretora. É mundialmente conhecida por suas obras de linguagem reduzida, de extrema intensidade poética e imagens cruas e violentas. Em 1992 se formou em Teatro na Universidade de Bristol e um ano depois se especializou em escrita dramática na Universidade de Birmingham, onde concluiu seu mestrado em Artes.

**PSYCHOSIS, THE PATHS THAT BROUGHT ME HERE: AN ARTICLE ABOUT
THE JOURNEYS I TOOK IN UNIVERSITY THAT LED ME TO PSYCHOSIS 4:48
BY SARAH KANE**

Abstract

This article seeks to elucidate the paths that I, as an artist, followed, consciously or unconsciously, from the first period of college until the writing of this article, and which brought me to the choice of Psychosis 4:482 by Sarah Kane as the choice for the my practical TCC. This work will attempt to provide an artistic overview through the following topics: “magician, my artistic trajectory”, “Genesis, my inspirations”, “Ontological, the final,” thus tracing the line that I built throughout my degree that without realizing it became entangled in a web that slowly led me to the ideas, aesthetics, subjects and crossings that I am now applying to my practical work. Finally, the article tries to bring the reader closer to the development of my work and also the processes that are as important as the final product, and the ideas that made me choose to work with such a deep and dramatic text and clarify the reader my choices towards him, as well as recording my ideas and processes through poetic, sentimental writing filled with my being and my essence.

Keywords: Contemporary theater, Processes, Art, Artistic, Paths, Psychosis, 4:48;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:Cena Mistress America, (2022)	11
Figura 2:Cena Mistress America, (2022)	11
Figura 3:Cena Hybrids, (2022)	14
Figura 4:Cena Hybrids, (2022)	15
Figura 5:Cena Outrem, 2022	16
Figura 6:Cena Outrem, 2022	17
Figura 7:Janet Cardiff, Fort Party Motet, 2001	20
Figura 8:Robert Wilson, Adam's Passion, 2015	22
Figura 9:Luiz Collins, Cena Psicose	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. Âmago, minha trajetória	9
2. Gênese, minhas inspirações	19
3. Ontológico, o final	23
Considerações finais	27
Referências	29

INTRODUÇÃO

A construção deste trabalho, assim como outras coisas que permeiam a minha vida e a de tantos outros, passou por mudanças extremas. Desde a primeira ideia do que escrever no campo teórico em relação ao trabalho de conclusão de curso na matéria de Tópicos de Pesquisa em Teatro ⁴ministrada pelo Prof. Dr. Alex Beigui de Paiva Cavalcante na Universidade Federal de Ouro Preto, onde de início pesquisei sobre “Drama, performance e ritual, uma análise sobre esses fenômenos na obra de Victor Turner⁶” onde eu me aprofundei sobre o drama, a performance e o ritual e como esses elementos estão em uma relação intrínseca e necessária com os seres humanos, onde decidi que esse seria o tema da pesquisa teórica do meu trabalho de TCC, pois era um campo onde eu já havia tido contato e me interessava por isso, até então na disciplina eu havia obtido o êxito esperado, o pré-projeto estava pronto, a disciplina concluída, porém com o passar do tempo comecei a pensar em escrever sobre o meu processo de criação do trabalho final prático que fazia mais sentido para mim, visto que eu dissertaria sobre algo prático no qual eu estaria ligado e por consequência mais próximo também, por um momento achei que estivesse realmente perto da escolha sobre o tema, eu estava certo, porém ainda não estava onde desejava chegar e assim os caminhos tornavam-se a mudar novamente.

Já cursando a matéria de Direção IV⁷, ministrada pela Professora Aline Mendes de Oliveira, disciplina que é a última das Direções (são cinco ao todo, Fundamentos de Direção, Direção I, II, III e IV) para quem cursa a habilitação para Direção Teatral⁸ cujo foco é investigar dentro do contexto da disciplina o que você pensa em fazer no seu espetáculo de conclusão de curso, resolvi investigar o texto de Sarah Kane e testar na cena elementos como:

⁴ Matéria oferecida no departamento de Artes Cênicas da UFOP, que visa ensinar a pesquisa em teatro.

⁵ Antropólogo Britânico.

⁶ Matéria oferecida no departamento de Artes Cênicas da UFOP, que visa ensinar conceitos de Direção Teatral

⁷ O curso visa formar um profissional capacitado a conceber e dirigir o processo de criação do espetáculo teatral, articulando os diferentes sistemas de linguagem que o compõem, na busca de um produto artístico. Faz parte do perfil do egresso, capacidade para coordenar o trabalho dos diferentes profissionais participantes da produção do espetáculo, como atores, cenógrafo, iluminador, maquiador, coreógrafo e figurinista, entre outros. Compreende, também, a capacidade de facilmente ampliar sua atuação, por meio de estudos complementares, para direção de óperas, espetáculos de dança, musicais ou realizações em cinema, vídeo e multimídia.

som, luz, cenografia, figurino, espaço, tempo, movimentações, marcações e afins, elementos que eu desejava que fizesse parte do contexto geral, os quais eu queria trazer para as experimentações observar como funcionavam, se estavam de acordo com meu trabalho de conclusão de curso e com os objetivos que eu tinha em mente. E, de acordo com os experimentos, exercícios e devolutivas da professora e dos colegas da disciplina, cada vez mais sentia que eu ainda precisava adequar o tema do trabalho e aperfeiçoá-lo, para só então ter um caminho fixo a seguir.

Contudo, num momento de crise, devaneios e insatisfação com o que eu havia escolhido, percebi que não haveria sentido para escrever sobre um processo prático que resultaria na conclusão do curso, sem fazer um apanhado sobre todo o caminho que percorri nesses longos anos e que foram tão importantes para minha formação quanto o trabalho final teórico e prático, que seria resultado de todos os meus anos de aprendizado na Universidade.

O que fazemos antes do espetáculo também é extremamente importante, tudo o que me levou até a escolha final do processo, é realmente importante, visto que “o teatro contemporâneo, ampliando seu campo de formalização e experiência, vem colocando enorme ênfase no aspecto processual, deixando de se pautar apenas pela obra acabada e pela produção de resultados” (Araújo, 2018, p. 1) e com isso eu precisava escrever sobre meu processo que iniciou mesmo que inconsciente nos meus primeiros semestres, e logo depois começou a se consolidar na metade do curso e agora se solidificou no fim, precisava escrever sobre cada ponto que consciente ou inconsciente trouxeram-me até aqui, sobre todo meu aspecto construtivo que fiz na faculdade, e dar ênfase nesse aspecto que fiz durante a graduação me trazendo até aqui e não apenas apresentar um trabalho final sem revisitar meus caminhos, meus métodos e minha produção que instigaram vividamente meu eu artístico até o momento no qual escrevo esse artigo, e nessa reflexão sobre o caminho que eu havia feito percebi que quase tudo que eu fazia ao longo da graduação me levava para o mesmo lugar, mas não num mal sentido e sim num bom.

Entretanto, no início da graduação eu demonstrava em minhas pesquisas artísticas o que eu tinha interesse em trabalhar ao longo do restante da graduação bem como no trabalho de conclusão de curso, minhas escolhas estavam sendo construídas naquele momento, as escolhas e os trabalhos que eu me propunha a fazer no DEART (Departamento de Artes Cênicas) me levavam até esse ponto e a escolha que fiz sobre *Psicose 4:48* de Sarah Kane, e meus trabalhos se voltavam para o psicológico, para o dramático, para os sentidos, o estético no sentido do texto e das escolhas sobre o que escrever e trabalhar, as cores vibrantes e a

saúde psíquica os sonos. O caos que permeia o texto dramático de Sarah Kane estava presente também nos meus trabalhos artísticos acadêmicos, era quase que como se nossos trabalhos conversassem sem ao menos eu ter lido a peça ou tido qualquer outro contato com o trabalho de Sarah, trabalhos e estudos diferentes com as mesmas temáticas, e devaneios. E foi assim que me debrucei sobre o texto de *Psicose* e resolvi escolhê-lo, a partir dessa reflexão sobre minha trajetória pregressa, e sobre os atravessamentos que tive, pude chegar a um tema que me agradasse de forma ampla, onde eu poderia dissertar sobre todas as experiências que percorreram meu ser artístico ao longo desses anos e, ao mesmo tempo construir uma ponte entre meu trabalho final que fizesse sentido para mim, juntando o passado (meus trabalhos feitos no DEART) e o presente (este trabalho escrito, meu TCC teórico) vislumbrando o futuro (meu trabalho prático de conclusão de curso), fazendo com que toda a minha experiência não fosse fragmentada e se tornasse um único trabalho onde eu poderia expressar meu contentamento e descontentamento com minha jornada até o ponto atual dos meus trabalhos práticos e teóricos para com o trabalho de conclusão de curso com foco no meu modo processual e criativo.

Portanto, neste artigo, será apresentado como resultado, todos os caminhos que me trouxeram até *Psicose* 4:48, por uma perspectiva do teatro contemporâneo, meus trabalhos pessoais e acadêmicos que me fizeram que eu optasse por escolher trabalhar o texto em questão, também será estudado minhas inspirações, que foram tão importantes para que eu traçasse um conceito estético, sonoro e artístico que eu pretendo aplicar ao meu trabalho prático, e por último o texto de Sarah Kane, que me atravessou de uma forma na qual eu nunca havia sido atravessado antes, tornando assim o motivo para qual eu escrevo este artigo. No desenvolvimento deste texto pretendo explicar justamente meu processo, mostrar meus trabalhos, revivê-los e traçar o caminho que me trouxe até aqui, de forma íntima, poética e sensível as escolhas que irão ser empregadas ou descartadas do meu processo final.

1. ÂMAGO, MINHA TRAJETÓRIA

Recapitulando o que escrevi um pouco sobre, no tópico anterior, analisando e me aprofundando em minha trajetória artística para só então escrever este artigo pude perceber que meus trabalhos dialogavam diretamente com o texto de Sarah Kane, ambos se dispunham de muita profundidade humana, tocavam em lugares ínfimos da existência, jogavam com as palavras e por vezes eram sarcásticos, obscuros, sensíveis e melodramáticos, os trabalhos que produzi no departamento de artes sempre se aproximaram desses contextos e ao encontrar o texto de Sarah Kane me encontrei também, pude fazer esse caminho de volta e visitar a

minha trajetória principalmente com esse enfoque de buscar os trabalhos nos quais havia a ligação com o que, estou produzindo hoje e o foco no aspecto processual que vinha fazendo mesmo que inconsciente e que é extremamente presente na contemporaneidade, pode me abrir a novos horizontes, a novas coisas, lugares, pessoas e modos de fazer arte, e não só sobre a escrita do artigo bem como para concretização do trabalho prático no qual estou em processo.

Para além de ver que desde o início eu flertava com o contexto que Sarah Kane domina completamente em *Psicose*, pude ver também a evolução artística em meus trabalhos bem como toda uma estética já concebia que eu poderia me inspirar, e utilizar a inspiração no espetáculo que está por vir, e esta parte do artigo vem como uma anunciação do que está por vir, foi onde minhas ideias começaram a ganhar vida, a ganhar corpo, movimento, voz, a caminhar com passos vagarosos e obter uma essência, que será também a essência do espetáculo com a releitura do texto sobre minha visão do que é *Psicose* 4:48.

O primeiro trabalho sobre o qual irei escrever tem o título de “*Mistress America*”. E foi desenvolvido na disciplina de Interpretação I⁹, sobre a orientação do Prof. Dr. Ricardo Carlos Gomes, “*Mistress America*” originalmente é um filme, lançado no ano de 2015, do gênero comédia dramática, de direção de Noah Baumbach, roteiro de Greta Gerwig e Noah Baumbach, o filme conta a seguinte história:

Tracy (Lola Kirke) é uma caloura de faculdade que leva uma vida solitária em Nova York. Seu grande sonho é entrar para um seletivo clube de escritores existente na universidade, mas ela não foi aprovada. Após muita insistência da mãe, ela resolve ligar para Brooke (Greta Gerwig), a filha de seu futuro padrasto, que também mora em Nova York. Logo as duas entram em perfeita sintonia, se divertindo a valer. Tracy fica fascinada com a energia e o alto astral de Brooke e resolve usá-la como inspiração em um novo conto. Só que Brooke, ao tomar conhecimento dele, não gosta nem um pouco do que ela escreveu (RUSSO, 2016, P.1.).

⁹ Matéria oferecida no departamento de Artes Cênicas da UFOP, que visa ensinar conceitos da Interpretação Teatral.

Ao escolher este filme para desenvolver o trabalho solicitado pelo Professor, me ative ao quesito dramático que o filme oferece apesar de ser também uma comédia e o, quesito dramático da história de Brooke era o que me interessava, pois seria essa parte de sua história que eu utilizaria em minha cena na forma de um monólogo, a história por si só me atraía, o conceito do filme *cult* e fora dos grandes holofotes também, o trabalho solicitado pelo Prof. Dr. Ricardo Carlos Gomes baseava-se nas aulas teóricas práticas ministradas ainda na pandemia de forma remota, seria uma cena de até dez minutos, onde aplicaríamos a cena o que aprendemos durante o semestre, o texto seria de escolha do proponente e o escolhido por mim para este trabalho foi um monólogo retirado do filme citado acima, em minhas revisitações dos trabalhos anteriores e especificamente sobre esse pude perceber que algumas reverberações e escolhas que fiz no meu segundo período da faculdade ainda se mantêm atualmente.

Figura 1: Cena Mistress America, (2022).



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.

A cena consistia no ator (eu) frente a câmera sobre a luz de uma vela, com uma camiseta preta, simples e lisa, sem nenhuma estampa, de modo intimista para passar um tom de proximidade com o público.

Figura 2: Cena Mistress America, (2022).

Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.



Em minhas análises, consegui identificar alguns sentimentos em comum com a/o personagem de *Psicose* e se torna o ponto principal de comparação entre a *Cena Mistress America* produzida por mim, e o texto de *Psicose* feito por Sarah Kane, os sentimentos da personagem, e o local no qual elas estão inseridas, um não mundo, uma desconexão social profunda que as levam a lugar de sofrimento, e a comparação destes sentimentos pode ser vista nos dois textos a seguir:

Eu acho que estou doente, e não sei se essa doença tem um nome. É apenas eu sentado e encarando a internet ou a televisão por longos períodos de tempo, intercalados por tentativas de evitar fazer isso e, em seguida, mentindo sobre o que tenho feito. E então, eu fico tão animado com algo que a empolgação me domina, e eu não consigo dormir ou fazer qualquer coisa, apenas me sinto apaixonado por tudo, mas não consigo descobrir como me fazer funcionar no mundo. (BROOKE, 2015, 00:45:30)

Ao revisitar este trabalho e ler este monólogo, já com o conhecimento sobre o texto de *Psicose*, pude encontrar semelhanças como o trecho a seguir:

Eu estou triste
Eu sinto que o futuro é sem esperança e que as coisas não podem melhorar
Eu estou cheia e insatisfeita com tudo
Eu sou um completo fracasso como pessoa Eu sou culpada, estou sendo punida
Eu gostaria de me matar
Eu costumo conseguir chorar mas agora estou além das lágrimas Eu perdi o interesse em outras pessoas
Eu não consigo tomar decisões Eu não consigo comer
Eu não consigo dormir Eu não consigo pensar
Eu não consigo ir além da minha solidão, do meu medo, do meu desgosto Eu estou gorda
Eu não consigo escrever Eu não consigo amar
Meu irmão está morrendo, meu amor está morrendo, estou matando os dois
Eu avanço em direção à minha morte
Eu estou aterrorizada com a medicação Eu não consigo fazer amor
Eu não consigo foder
Eu não consigo ficar sozinha
Eu não consigo ficar com outras pessoas
Meus quadris estão muito grandes (Kane, 1998, p. 3)

Já no início do curso, eu me interessava por textos carregados e tristes, que conversavam com a fragilidade humana e a psique, pois esse sempre foi um lugar que eu vislumbrava trabalhar tanto, é que cheguei até esse texto, no qual escolhi para investigar, e ambas as personagens dos trechos dos textos acima, tanto da *Cena Mistress America* quanto de *Psicose 4:48*, bebem dessa fragilidade humana e vivem dentro de si esse drama que é estar imerso em suas mentes vistas como anormais pela sociedade, nas quais elas se sentem perdidas, hora com muitas vontades, hora sem vontade alguma, elas admitem as próprias dores, estão prostradas frente a vida e não sabem como agir ou o que fazer, sem perspectivas, somente medo, solidão e tristeza, querem se curar, porém não sabem como ou até mesmo não sabem o porquê estão doentes. E foi aí que encontrei o primeiro indício do que queria trabalhar, a tristeza, a solidão, a ansiedade a depressão humana que ambos os textos emanam, foi aí também que percebi que: ao longo do caminho eu vinha conversando com essa temática e que poderia fazer este resgate artístico em minha caminhada como forma do processo que fiz até aqui, que mesmo inconsciente trilhei esse caminho, pois quando trabalhei o monólogo não havia um conhecimento prévio sobre o trabalho de Sarah Kane e *Psicose 4:48*, só havia a vontade de trabalhar essas emoções humanas que estão tão presentes na humanidade e que fazem parte de nós, mas que por algum motivo não são faladas tão explicitamente quanto é no texto de Sarah.

Outra questão pertinente que ainda se permanece até os dias atuais que também se fez presente neste trabalho desenvolvido no passado e se apresenta em minha mente como forma que pretendo utilizar é a questão sonora, na *Cena Mistress America*, utilizei a música *Comptine d'Un Autre Été* de Yann Tiersen¹¹ que na época apenas me soava como uma música bonita e agradável aos meus ouvidos, mas que neste processo de revisitação dos caminhos em que passei para ver o que conversava com meu projeto atual, como aconteceu a minha evolução, e como cheguei até aqui, percebi que a composição clássica contemporânea de Yann Tiersen que utilizei em meu projeto no ano de 2022 também seria capaz não só ser reutilizada no meu espetáculo, bem como servir de inspiração para procurar outras músicas minimalistas e clássicas e que conseguiria utilizar desse estilo musical para criar qualquer atmosfera teatral que eu quisesse, fazendo com que assim como “Yann Tiersen cria o seu próprio mundo. Cria-o, vive-o e convida-nos a lá entrar” (Muschketat, 2019, p. 1) por meio de suas composições e show, eu também poderia criar um mundo com uma atmosfera onde o

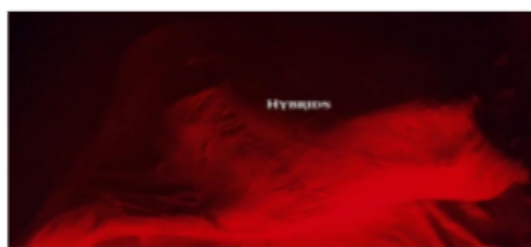
¹¹ Yann Tiersen (Brest, 23 de junho de 1970) é um músico de vanguarda, multi-instrumentista e compositor francês de origem judaica com raízes belgas e norueguesas. Composto para piano, sanfona e violino, sua música aproxima-se de Erik Satie e do minimalismo de Steve Reich, Philip Glass e Michael Nyman.

público seria convidado a entrar e vivenciar aquilo de forma imersiva por meio da música clássica e minimalista em um espetáculo contemporâneo.

O segundo trabalho que irei escrever sobre, e como os caminhos me trouxeram até Psicose 4:48 se chama Hibryds-Híbrido, esse trabalho foi desenvolvido no segundo período que também ocorreu na pandemia de modo online. Na aula de Fundamentos de Direção Teatral⁹, ministrada pelo Professor Alex Beigui de Paiva Cavalcante, a aula tinha o intuito de nos introduzir na Direção Teatral com os primeiros conceitos, com autores e diretores essenciais da área teatral e formas como poderíamos trabalhar, esta aula em específico foi responsável por me ajudar a definir o caminho que eu iria seguir naquele momento fazendo com que assim optasse pela habilitação de Direção Teatral ao invés da Interpretação Teatral que era o que eu desejava quando ingressei no curso.

Neste sentido as aulas seriam avaliadas processualmente pelo professor, mas que no fim, haveríamos de escolher algum dos mitos oferecidos pelo professor e com isso desenvolvemos uma cena com relação ao mito aplicando o que aprendemos no semestre, entre os mitos oferecidos pelo professor dois me interessavam fortemente, que eram o mito de Faustos escrito por Friedrich von Schiller¹¹ (1759-1805), e em específico o personagem de Fausto, e o mito da Fênix que está presente em diversas culturas como a Grega, Romana e a Egípcia, conversando com o professor disse que gostaria de trabalhar ambos os mitos como se fossem um Híbrido, daí o nome do trabalho Hybrids, e me senti desafiado também em tentar juntar dois seres mitológicos diferentes, o que resultou no processo abaixo:

Figura 3: Cena Hybrids, (2022).

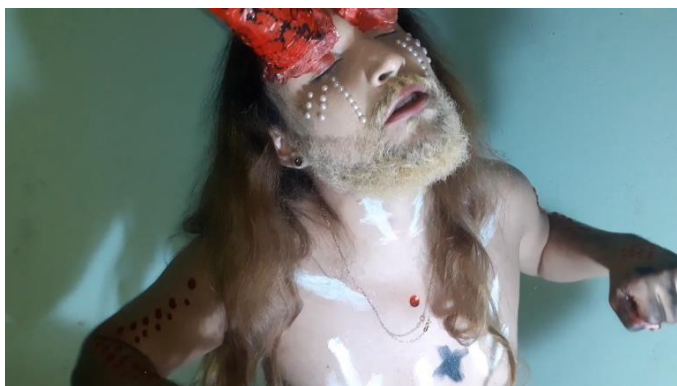


Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

¹⁰ Matéria oferecida no departamento de Artes Cênicas da UFOP, que visa ensinar os fundamentos da Direção Teatral.

¹¹ Ohann Christoph Friedrich von Schiller (Marbach am Neckar, 10 de novembro de 1759 — Weimar, 9 de maio de 1805), mais conhecido como Friedrich Schiller, foi um poeta, filósofo, médico e historiador alemão. Schiller foi um dos grandes homens de letras da Alemanha do século XVIII, é um dos principais representantes do Classicismo de Weimar, e é tido como um dos precursores do Romantismo alemão.

Figura 4: Cena Hybrids, (2022).



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.

Ao rever Hybrids, recordo-me de toda a dificuldade que tive em trabalhar dois mitos simultaneamente e além, juntá-los na mesma personificação, tornando-o assim em algo novo, recordo-me também da dificuldade em desenvolver um trabalho desse cunho sozinho na pandemia. O trabalho consistia em um ser deitado no chão envolto em um casulo e sobre ele uma fina camada de pó, como se estivesse prestes a nascer, ou renascer tal qual a Fênix, banhado por uma forte luz vermelha, mas não saturada, logo depois há o despertar deste ser envolto em um casulo sobre o chão e revela-se uma figura misteriosa, andrógina e demoníaca, que passa a se conhecer e performar frente a câmera. Tudo isso ocorre ao som da música Ouriço de Juliano de Holanda¹², nesta revisitação pude perceber também o quanto este trabalho poderia servir de referência para o meu Trabalho de Conclusão, desde a iluminação marcada e forte, não convencional, pois era feita com uma luz improvisada e não refletores de iluminação convencionais, bem como um trabalho performático num espaço não convencional, outro detalhe que ainda se mantém em minhas perspectivas quanto ao espetáculo que está sendo trabalhado, o uso do espaço não convencional para a realização desta peça. Há também a questão da trilha sonora, que não é o que tenho me interessado atualmente para com o espetáculo, Juliano de Holanda é voltado para a música popular brasileira, com letras fortes e marcantes, sendo o oposto que venho procurando e estudando, meu real interesse são músicas que se configurem apenas pelo som, sem a presença de palavras e que sejam minimalistas.

O Terceiro e último trabalho sobre o qual irei escrever, e sobre como o meu caminho

¹² Nascido em 1977 em Goiana, cidade da Zona da Mata de Pernambuco, Juliano Holanda começou a tocar violão aos nove anos de idade e, aos 13, subiu no palco pela primeira vez. Aos 18 anos, quando já era músico profissional, Juliano Holanda entrou para o conservatório e, depois, para a faculdade de música. Além do estudo formal, participou de bandas e acompanhou outros artistas, vindo a integrar, nos anos 2000, a Orquestra Contemporânea de Olinda, com a qual lançou três discos.

me trouxe até *Psicose 4:48* se chama *Outrem*. Este trabalho foi desenvolvido também na pandemia e de modo online, na disciplina de Iluminação I¹⁰, ministrada pela Professora Letícia Mendes de Oliveira, o foco da disciplina em si era o estudo da Iluminação teatral, portanto eram oferecidos na disciplina conhecimentos acerca dos fundamentos da iluminação, como a disciplina era quase que totalmente prática, foi um tanto quanto difícil, pois havia mais aulas práticas que teóricas, contudo, foi de extremo proveito, a disciplina foi diversa, desde a construção de canhões improvisados com luzes não convencionais, até uma cena final na qual faríamos com os refletores que criamos nós mesmos, e foi onde nasceu *Outrem*, um dos trabalhos que mais conversam com o trabalho atual no qual estou desenvolvendo, *Psicose 4:48*. Abaixo disponibilizo algumas imagens do trabalho *Outrem*.

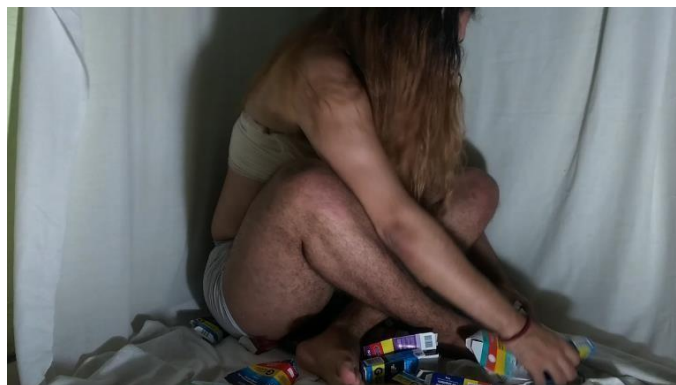
Figura 5: Cena Outrem, 2022.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.

¹³ Matéria oferecida no departamento de Artes Cênicas da UFOP, que visa ensinar os fundamentos da Iluminação Teatral.

Figura 6: *Cena Outrem*, 2022.



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.

É interessante como este trabalho em específico, e mais que os outros que escrevi me trouxeram para mais perto de *Psicose*, o trabalho atual que estou desenvolvendo. No ano de 2022 quando desenvolvi este trabalho, no momento ainda não tinha o conhecimento sobre o texto de Sarah, *Outrem* se configura da seguinte maneira: há um personagem em cena, que visualmente transpassa grande sofrimento, ao chorar e se dispor no canto do vídeo, com figurino simples, composto apenas de uma veste que cobre apenas suas partes íntimas, peitoral e genitais, há sobre os panos que cobrem seu peitoral uma mancha preta do lado esquerdo do peito, as vezes em posição fetal, às vezes sentado continua a sofrer, logo depois a cena muda, o personagem some e surge uma cena em vermelho onde são atiradas caixas de remédio que vão se acumulando pouco a pouco, de repente o personagem voltou em cena e começa a interagir com as caixas de remédio e a tentar juntá-las a si, e nesse frenesi, entra em uma caótica e ansiosa performance, onde visivelmente transparece sentimentos de medo, solidão, depressão e ansiedade, todo o vídeo é acompanhado pela música *Beethoven's 5 Secrets* versão The Piano Guys¹², e o personagem acompanha o ritmo da música, como se estivessem conectados, logo depois a cena se torna vermelha novamente com o personagem ainda tentando trazer as caixas de remédio para si, só que em uma velocidade mais lenta assim como a música está, e ali fica como se estivesse medicada/sedada, deitada ao chão, em estado catatônico. Logo após se senta e se recolhe ao canto como se estivesse com medo ou assustada,

¹² The Piano Guys (Os Rapazes do Piano) é um grupo musical americano composto por Jon Schmidt e Steven Sharp Nelson. Eles ficaram famosos através do YouTube, onde vêm postando vídeos de arranjos e misturas de músicas populares e clássicas, acompanhados de clipes de visual profissional. Seu primeiro álbum foi lançado em dezembro de 2011.

e assim termina a cena.

E ao reler alguns trechos de *Psicose* como:

- Você fez algum plano?
- Tomar uma overdose, cortar meus pulsos depois me enforcar.
- Tudo isso de uma vez?
- Isso não poderia de jeito nenhum ser interpretado como um grito de socorro. (KANE, 1998, p. 5)

Ligo ao que criei em minha cena, aos sentimentos que o texto nos traz e ao que eu construí em cena expressando essa dor do texto sem palavras na que construí, bem como o contexto que ambas as linguagens trazem, tanto a linguagem do texto de *Psicose*, quanto a linguagem corporal que trago na cena do vídeo com os remédios e também com citações como essas: “Eu posso ocupar meu espaço ocupar meu tempo, mas nada pode ocupar o vazio de meu coração A necessidade vital pela qual eu morreria esgotamento (Kane, 1998, p. 5).”

Sintomas: Sem comer, sem dormir, sem falar, sem desejo sexual, em desespero, quer morrer. Diagnóstico: Dor patológica. 13 Sertralina, 50 mg. Insônia piorada, forte ansiedade, anorexia, (perda de 17 kg,) aumento de intenção, planos e pensamentos suicidas. Interrompido após hospitalização. Zopiclona, 7,5 mg. Dormiu. Interrompido após erupções na pele. Paciente tentou deixar o hospital à revelia do médico. Detida por três enfermeiros duas vezes maiores que ela. Paciente ameaçadora e não-cooperadora. Idéias paranóicas – acredita que os funcionários do hospital estão tentando envenená-la. Melleril, 50 mg. Cooperadora. Lofepamina, 70 mg, dobrada para 140 mg, depois 210 mg. Ganho de 12 kg. Perda de memória recente. Nenhuma outra reação. Discussão com médico residente que ela acusou de traição depois do que ela raspou a cabeça e cortou os braços com uma lâmina de barbear. Paciente liberada para o cuidado da comunidade com a chegada de paciente gravemente psicótico à sala de emergência com maior necessidade de um leito hospitalar. Citalopram, 20 mg. Tremores pela manhã. Nenhuma outra reação. Lofepamina e Citalopram interrompidos depois que paciente ficou puta devido aos efeitos colaterais e ausência de melhora evidente. Sintomas após a interrupção: Tonturas e confusão. Paciente ficou caindo, desmaiando e andando na frente de carros. Idéias alucinadas – acredita que o especialista é o anticristo. Cloridrato de Fluoxetina, nome comercial Prozac, 20 mg, dobrada para 40 mg. Insônia, apetite irregular, (perda de 14 kg,) forte ansiedade, incapaz de atingir orgasmo, idéias homicidas em relação a vários médicos e fabricantes de drogas. Interrompido. Humor: Fodidamente raivoso. Comportamento: Muito raivoso. Thorazine, 100mg. Dormiu. Mais calma. Venlafaxina, 75 mg, dobrado para 150 mg, depois 225 mg. Tontura, baixa pressão sanguínea, dores de cabeça. Nenhuma outra reação. Interrompido. Paciente recusou Seroxat. Hipocondria – menciona espasmos de piscar de olhos e forte perda de memória como evidência de dyskinesia tardia e demência tardia. Recusou qualquer outro tratamento. 100 Aspirinas e uma garrafa de Cabernet Sauvignon búlgaro, 1986. Paciente acordou numa piscina de vômito e disse "Durma com um cachorro e levante cheio de moscas". Fortes dores estomacais. Nenhuma outra reação. (Kane, 1998, p. 5)

Pude perceber o quanto *Outrem* se conectava com *Psicose*, as personagens de ambas as obras passam por questões internas de difícil compreensão e por meio da palavra e do corpo expressão suas dores e tristezas, que a personagem de *Outrem*, parece extasiada e sobre o efeito de medicamentos e perto de uma overdose, como a personagem de *Psicose* cita no texto, ou o fato da personagem de *Outrem* ter uma mancha preta no lado esquerdo do peito e a

personagem de *Psicose* falar abertamente sobre um vazio no peito, dialogando fortemente com o vazio existencial assim como ambos os trabalhos sugerem, ou até mesmo ambas as obras conversarem direta ou sobre indiretamente às questões como a utilização de remédios psiquiátricos para suportar a realidade, a personagem de *Outrem* rodeada de caixas de remédios tarja preta e a personagem de *Psicose* dizendo no texto sobre as suas questões com os remédios de controle psiquiátrico.

Quando percebi esses pontos entre este trabalho e a peça de *Psicose*, pude analisá-los e perceber como eu há muito tempo vinha dialogando com tais questões, pude notar também que minha revisitação ao passado, como forma de refazer e buscar os caminhos que me trouxeram até *Psicose 4:48*, poderia alimentar, expandir, e fortalecer minha inspiração, além de me trazer também a certeza de que era sobre esse assunto, sobre essas questões que tanto me atravessaram e atravessam tantas outras pessoas que eu queria produzir arte, e por meio disso dialogar com o público, tentar tocá-los e talvez quem sabe conscientizá-los também me debruçando sobre isso e me deixando ser coberto por todo esse universo de Sarah Kane.

Além de tudo, nessa revisitação destes processos que para mim foram cruciais em minha formação e que para mim fazem parte diretamente das escolhas que faço agora em relação ao meu trabalho de conclusão, trago-os como um exercício anterior a produção do espetáculo, quase que como uma pesquisa de campo. Fazer esse exercício me proporcionou um olhar mais aguçado em relação as minhas escolhas atuais, e me deixa mais seguro também de que pude fazer todo esse caminho até aqui, e valorizo também os processos que venho fazendo, pois o teatro não é apenas constituído de uma obra final, mas também de processos que podem ser tão interessantes quanto o resultado.

2. GÊNESE, MINHAS INSPIRAÇÕES

Nesta parte do artigo, tratarei sobre algumas das inspirações que estão em minha mente e que estão servindo como um ponto de partida para a produção do meu trabalho de conclusão prático e desta parte teórica na qual escrevo o meu processo até a escolha para trabalhar o texto de Sarah Kane, *Psicose 4:48*. Dentre minhas inspirações estão artistas, obras artísticas, estilos musicais, exposições e peças, tudo aquilo que vem me influenciando e me tocando ao longo destes anos e como cheguei a essas inspirações, como elas tem me agregado como um ser artístico, bem como elas foram chegando até a mim ao longo destes caminhos que percorri ao longo da graduação, e que me levam cada vez mais perto de concluir este processo.

A primeira obra que irei escrever sobre é a *Forty Part Motet* de Janet Cardiff¹³. As fotos a seguir são da obra que está instalada no museu de arte contemporânea e jardim botânico Inhotim localizado em Brumadinho, cidade próxima a Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Tive contato com a obra cerca de três vezes em toda minha vida, todas as vezes em excursões feitas por meio das matérias cursadas no Departamento de Artes da UFOP, a primeira vez na aula de Cenografia I¹¹ e outras duas vezes em aulas de Direção IV. E em cada vez que tinha contato com a obra, algo novo surgia em minha mente atijando meus pensamentos criativos, era como se cada contato fosse diferente um do outro, fomentando assim ainda mais minhas ideias para o processo que viria a criar.

Figura 7: Janet Cardiff, Fort Party Motet, 2001



Fonte: Foto, Willian Gomes, 2001.

Janet Cardiff é uma artista canadense formada em fotografia e gravura, ela se graduou na Queen's University no Canadá na década de 80, mas ao longo de sua trajetória criou relações com o cinema e passou a produzir trabalhos voltados para o som, como a instalação *Forty Part Motet*. “Janet Cardiff (1957) é algumas vezes comparada a “uma diretora de cinema ou teatro”, “produtora de rádio, compositora, performer e engenheira de gravação, mas no fim faz algo diferente”, trabalhando nas fronteiras entre as diversas disciplinas, “emprestando delas, mas nunca habitado totalmente uma delas” (Scott, 1999: p. 4). E assim Janet cria seu próprio mundo em suas instalações imersivas que fazem com que o espectador também seja parte integrante da obra viajando naquele mundo e atmosfera no qual Janet nos permite entrar, e nós, espectadores ativos da obra, nos tornamos co criadores ao ter contato com a obra, e a partir dela recriá-la com base em nossas experiências passadas.

Meu primeiro contato com a obra de Janet foi no ano de 2022, quando cursava a

¹³ Janet Cardiff (nascida em 15 de março de 1957) é uma artista canadense que trabalha principalmente com som e instalações sonoras, frequentemente em colaboração com seu marido e parceiro George Bures Miller. Cardiff ganhou reconhecimento internacional no mundo da arte por suas caminhadas em áudio em 1995. Ela vive e trabalha na Colúmbia Britânica, Canadá.

matéria de Cenografia I com a Profa. Dra. Bruna Christófaros Matosinhos e ela propôs uma excursão ao Inhotim, no qual eu nunca havia estado, e desde então esta obra ficou em minha mente, e me marcou de forma profunda, e de tal modo que resolvi tomá-la como fonte de inspiração para o meu trabalho, porém naquela época eu a vi apenas como uma forma vaga na qual eu a tinha como um mero espectador que apenas gostou muito de tal obra e se sentiu impactado pelos sentimentos que ela pode causar, ainda não havia a ideia de tentar trabalhá-la em algum trabalho pessoal, porém no ano de 2023, na matéria de Direção IV, onde havia outra excursão para o Inhotim e o intuito era o de visitar o museu como forma de buscar inspirações para nossos trabalhos de conclusão de curso e foi aí que antes da viagem a obra de Janet veio com todas as forças em minha mente novamente, e a obra surgiu novamente para mim como algo que eu poderia utilizar e então naquele ano fui ao Inhotim com o propósito de rever a obra e me inspirar nela para usar como referência em meu trabalho de conclusão de curso.

Desde então venho procurando formas de utilizar esta instalação sonora de *Janet* como referência em meu trabalho de conclusão de curso, pois a obra me tocou tão profundamente e me inspirou de tal forma que não havia como não a tomar como uma fonte de inspiração. Contudo, além de ter esta obra artística de Janet Cardiff como referência para meu trabalho de conclusão, há também um artista que há muito tem me atravessado durante minha caminhada de modo muito particular, singelo e sensível, diversas outras pessoas também são atravessadas por estes artista devido a tamanha visibilidade que suas obras tem alcançado ao longo dos anos, além de ser uma fonte inesgotável de atravessamentos e perspectivas que fogem do convencional e do cotidiano, trabalhando com diversas áreas que abrangem seu trabalho artístico como: iluminação, cenografia, visualidades e afins, a qual é o encenador, coreógrafo, escultor, pintor e dramaturgo estadunidense Robert Wilson¹⁴ mais conhecido como Bob Wilson.

Robert Wilson nasceu no Texas em 1941, fez estudos de arquitetura e se interessou pela pintura. Ele já foi chamado de pai do "teatro visual" (a tautologia salta aos olhos), ou do "teatro de imagens" (idem). O rigor matemático das marcações, a criação de grandes espaços plásticos, quase oníricos, a precisão e a sofisticação tecnológica no uso do som e da luz, e a justaposição de cenas aparentemente desconexas, introduziram no teatro algo além do velho conflito dramático, das personagens individualizadas e da narrativa tradicional. Não há dúvida que Bob Wilson enviou os procedimentos narrativos clássicos do teatro. (KINAS, 2015 p. 1)

Há uma grande lista de trabalhos que Bob Wilson já conduziu como: *The Life and*

¹⁴ Robert Wilson (Waco, Texas, 4 de outubro de 1941), também conhecido por Bob Wilson, é um encenador, coreógrafo, escultor, pintor e dramaturgo norte-americano. Suas peças são conhecidas mundialmente como experiências inovadoras e de vanguarda, trabalhou também como coreógrafo, iluminador e sonoplasta.

Times of Sigmund Freud, 1969, Einstein on the Beach (com Philip Glass)¹⁵, 1976, Shakespeare's King Lear, 1985, Alice 1992, Ibsen's Peer Gynt, 2005 dentre outros, “Wilson já conta com pouco mais de 130 obras inéditas em seu currículo, iniciando esta trajetória no ano de 1969 com a estreia do espetáculo King of Spain.” (Pinheiro, 2018, p. 3). Podemos ver na foto abaixo a referencia de imagem, do espaço, da luz, que vem de encontro com o que eu imaginava para o espetáculo nesse sentido abaixo segue a foto de *Adam's Passion* ou A Paixão de Adão de Bob Wilson:

Figura 8: Robert Wilson, Adam's Passion, 2015



Fonte: Kristian Kruuser/Kuapo Kikkas, 2015.

¹⁵ Philip Morris Glass (Baltimore, 31 de janeiro de 1937) é um compositor estadunidense e está entre os compositores mais influentes do final do século XX. A sua música é normalmente chamada de minimalista, embora ele não aprecie esta expressão.

Que pude assistir na plataforma de vídeos YouTube, este em especial está disponível no YouTube por completo e em boa qualidade, Bob Wilson que é um multiartista estadunidense, de grande renome mundial, com diversos trabalhos inovadores como: “*Bob Wilson’s Life & Death of Marina Abramovic*”, e “*Arvo Pärt | Robert Wilson: Adam’s Passion*”, tem difundido sua arte não só no mundo artístico bem como outros nichos, se comunica de modo eficaz com o público por meio de sua obra totalmente visual e desprendida na maior parte das vezes do texto, com cenários bem construídos, iluminação marcada e estética, centenas de artistas em cena, não só atores, mas bailarinos, coreógrafos, iluminadores e afins. Além de dirigir seus espetáculos, ele também assina em outros quesitos em relação à plasticidade do espetáculo como: iluminador e cenógrafo. Com isso ele vem criando e recriando mundos e atmosferas imersivas ao público que o assiste, por meio não convencionais de encenação. Grandes nomes da cena contemporânea têm se juntado a Bob, como 1976), “*Satyagraha*” (1980) e “*Akhnaten*” (1983), e William James¹⁶, mais conhecido como Willem Dafoe que é ator de grandes filmes em Hollywood e transita entre filmes, peças e performances, atuou e dirigiu “*Pobres Criaturas*” (2023) e no teatro por exemplo com “*The old woman*” 2013 em colaboração com Bob Wilson, também Marina Abramovic¹⁷ que nasceu na Iugoslávia, artista performática de grande renome artístico, responsável por trabalhos como: “*Rest Energy*” (1980), “*Art Must be Beautiful*” (1975), “*Seven Easy Pieces*” e “*Rhythm 0*” (1974) que com esses trabalhos sensibilizou e atraiu o público para seus trabalhos e sua vida artística, e portanto, estou a utilizar esses artistas e seus trabalhos como fonte de inspiração por meio de reflexões sobre essas obras e esses artistas que convergem com o que eu penso e o que eu me aproximo enquanto artista.

3. ONTOLÓGICO, O FINAL

Nesta parte do artigo, me aproximo da finalização de minha escrita, portanto procurarei aqui neste trecho escrever sobre a minha decisão em escolher trabalhar com Psicose 4:48 de Sarah Kane, bem como falar também sobre o texto, e como vem sendo o caminho de trabalho com ele. O primeiro contato que tive com este texto foi no quinto período,

¹⁶ William James "Willem" Dafoe (Appleton, 22 de julho de 1955) é um ator americano, com atuações nos filmes *Platoon*, *Speed 2: Cruise Control*, *Homem-Aranha* e *Mr. Bean's Holiday*. Também atuou na comédia *The Life Aquatic with Steve Zissou* e deu voz ao personagem Gill no filme de animação *Finding Nemo*.

¹⁷ Marina Abramović (em sérvio, no alfabeto cirílico: Марина Абрамовић, pronúncia em servo-croata: "Marina Abrâmovitch") (Belgrado, Sérvia, 30 de novembro de 1946) é uma artista performática que iniciou sua carreira no início da década de 1970 e manteve-se em atividade desde então. Considera-se a “avó da arte da performance”. Seu trabalho explora as relações entre o artista e a plateia, os limites do corpo e as possibilidades da mente.

na aula do Prof. Dr. Alex Beigui de Paiva Cavalcante, há muito este contexto do trabalho de conclusão de curso vinha me tirando o sono, pois eu já me encaminhou para o final do curso e ainda não sabia exatamente o que trabalhar, havia uma ideia e um projeto sobre trabalhar com Drama, Performance e Ritual e analisar esses fenômenos na obra de Victor Turner¹⁸, mas que não foi para frente, pois meu interesse estava disperso e duvidoso, foi quando o professor comentou sobre esse texto em sala de aula e trazendo comentários sobre ele, logo me interessei, então busquei pelo texto, contudo, de imediato não o li, e ele ficou guardado entre as mídias do celular, quando no sexto período na matéria de Direção IV, com a Professora Aline Mendes de Oliveira, eu o li, e comecei a trabalhar com ele em experimentações durante a disciplina.

Então, por meio de minhas pesquisas descobri que Sarah havia escrito apenas 5 textos dramáticos em toda sua carreira.. Que foram: "*Blasted*" (1995), "*Phaedra's Love*" (1996), "*Cleansed*" (1998), "*4:48 Psychosis*" (1999) e "*Crave*" (1998). E que "A curta carreira da dramaturga britânica Sarah Kane não impediu que seus textos figurassem entre aqueles dos grandes nomes do teatro pós-dramático." (Rocha, 2007, p. 1). Tornando-se assim uma das grandes referências do teatro, que seria estudada até os dias atuais, e ter suas obras montadas e remontadas diversas vezes em todo o mundo. Contudo, a "[...]recepção inicial ao seu trabalho no Reino Unido não foi calorosa." (Sudare, 2014, p. 3) Sarah Kane chocou a crítica teatral em seu país não só por suas escolhas de ruptura na forma, mas também, pelas temáticas abordadas em suas peças. Seu trabalho está permeado por questões relativas à morte, violência, estupro, dor, melancolia, ânsia sexual, ansiedade [...] (Sudare, 2014, p. 3). Ainda segundo Sudare, "Kane veio romper com velhas convenções do teatro inglês, deixando como legado o seu teatro experimental, influenciando novos artistas a buscarem perspectivas diferentes para se pensar o teatro." (Sudare, 2014, p. 6). O texto de *Psicose* faz jus ao cenário pós-dramático que desafia as convenções já institucionalizadas no teatro, onde por exemplo quebra-se a narrativa linear que é um dos pontos principais do texto de Sarah, vem com a premissa de um texto sem marcações, livre de rubricas, um texto escrito em forma de rima, onde marcam as dores de Sarah em relatos que vão do passado, ao presente e que anseiam de maneira negativa o futuro como a própria personagem afirma no texto: "Às 4:48 quando o desespero visita eu deverei me enforcar ao som da respiração de meu amante" (Kane, 1998, p. 4) E mais,

Sarah Kane ainda continua sendo um nome controverso no teatro britânico. Alguns críticos dão crédito à sua genialidade por seu trabalho, outros dão crédito a depressão

¹⁸ Victor Witter Turner Glasgow, Escócia (28 de maio de 1920 - 18 de dezembro de 1983) foi um antropólogo britânico, reconhecido por seu trabalho com símbolos, rituais e ritos de passagem. Trabalhou com Clifford Geertz e Richard Schechner.

por peças com temáticas tão obscuras, chegando a considerar a sua última peça *Psychosis* 4.48 um bilhete suicida. De qualquer forma, Kane veio romper com velhas convenções do teatro inglês, deixando como legado o seu teatro experimental, influenciando novos artistas a buscarem perspectivas diferentes para se pensar o teatro. (Sudare, 2014, p. 6).

Ao pesquisar sobre a vida de Sarah, tudo indica que a personagem do texto é a própria Sarah contando a sua história, a peça então se torna quase como uma biografia da própria escritora. Quanto ao texto:

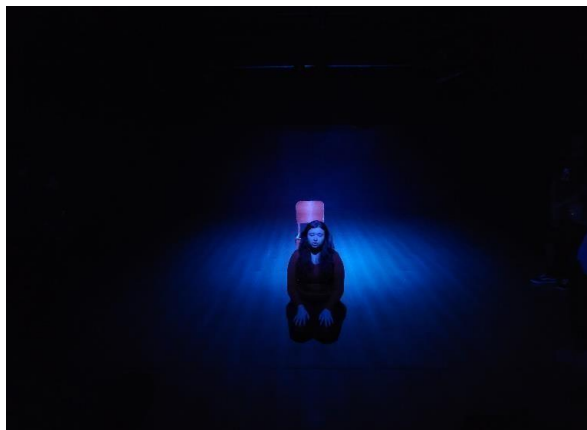
4:48 *Psicose*, escrita em 2000, é a tradução poética do texto científico que determina as manifestações da síndrome que dá nome à peça. Em seu artigo “A perda da realidade na neurose e na psicose” de 1924, Freud descreveu a psicose como o distúrbio entre o ego e o mundo, enquanto Vernon D. Patch, membro da American Psychiatric Association, argumenta sobre a distorção do senso da realidade, a inadequação e a falta de harmonia entre o pensamento e a afetividade (Rocha, 2007 p. 1).

Com isso, ao longo do texto Sarah vai descrevendo tudo que sua personagem passou e passa, todas as suas dores e angústias que fazem parte do ser que ela é, como neste fragmento: “É o medo que me mantém longe dos trilhos do trem. Só espero de Deus que a morte seja mesmo a porra do fim. Me sinto como se tivesse oitenta anos de idade. Estou cansada da vida e minha mente quer morrer.” Kane, 1998, p. 6) e por meio de suas linhas tão bem escritas traz a possibilidade de os leitores imaginarem o que realmente é uma *Psicose*. Sarah também vai além nas questões de gênero em seus textos:

“Ao não especificar suas personagens quanto ao número, ao gênero ou à condição social, Sarah Kane estabelece uma ruptura com relação à construção das personagens individualizadas e as eleva à categoria de seres universais, buscando uma representação que extrapole o limite do espaço cênico e se misture às possibilidades do real.” (Rocha, 2007 p. 3)”.

Com esses estudos prévios, me debrucei sobre as práticas com texto, e toda aquele trabalho para procurar um ator que se disponibilizasse a fazer o personagem, conectar as referências que eu vinha me interessando como a obra “*Forty Part Motet*” de Janet Cardiff, o estudo sobre o Teatro Wilsoniano ¹⁸ que vinham me atravessando, e a estruturação de todo o trabalho ao longo das aulas com o apoio da Prof. Dra. Aline Mendes de Oliveira e os demais colegas que também cursaram a disciplina. Trabalhando minuciosamente os pontos que eu iria inserir na cena, a partir da análise e inspiração das fontes de estudo que eu havia reunido, eram poucas referências, mas eram fortes e densas inspirações que eu teria que investigar para chegar a um caminho que me trouxesse até este momento que escrevo este artigo. Foi quando originou a cena das fotos abaixo que levou o mesmo nome do texto de Sarah, *Psicose*.

Figura 9: Luiz Collins, Cena Psicose.



Fonte: Foto, Matheus Frezarin, 2022.

O trecho escolhido para ser trabalhado nesta cena foi este:

(Um silêncio muito longo.)

- Mas você tem amigos. (Um longo silêncio.) Você tem muitos amigos.

O que é que você dá aos seus amigos que faz com que eles te apoiem tanto? (Um longo silêncio.)

O que é que você dá aos seus amigos que faz com que eles te apoiem tanto? (Um longo silêncio.)

O que é que você dá? (Silêncio.)

uma consciência consolidada reside num salão de banquete escurecido perto do teto de uma mente cujo chão se move como dez mil baratas quando um feixe de luz penetra como todos os pensamentos se unem num instante de harmonia corpo não mais repelente como as baratas contém uma verdade que ninguém nunca fala Tive uma noite em que tudo me foi revelado. Como eu posso falar de novo? hermafrodita em pedaços que só confiou nelenela encontra a sala fervendo em realidade e implora nunca acordar do pesadelo e estavam todos lá cada um deles e eles sabiam meu nome enquanto eu escapava feito um besouro ao longo das costas de suas cadeiras Lembre-se da luz e acredite na luz Um instante de claridade antes da noite eterna não me deixe esquecer “*Psicose:4:48. p.1*”

Por meio do trabalho deste trecho escolhido, tentei aplicar as inspirações que havia retirado das fontes. Trabalhei a questão da iluminação, em que eu queria, por meio de focos de luz a pino, que é um foco sobre o ator ou objeto que cria um círculo como um cilindro de cima para baixo, delimitar um espaço entre a plateia e o público, que podia entrar na cena que acontecia em espaço de arena, o foco a pino iluminava a atriz completamente, havia também uma iluminação no rosto da atriz, para que o foco a pino não cobrisse totalmente suas expressões. O foco a pino era aberto para que, ao mesmo tempo que iluminasse a atriz, deixasse a luz ir além, iluminando um pouco o espaço restante onde o público estava. Depois, a iluminação se modifica para uma luz vermelha no chão, que acende logo quando a atriz se deita, um foco forte e luminoso que também é aberto e ilumina não só o rosto da atriz e também vaza e ilumina o restante do espaço, deixando um ponto de luz no escuro, onde as pessoas em volta podem observar a cena de perto, como se estivessem inseridos na memória da personagem. E, relação às ideias para a luz, eu me baseei na observação do espetáculo *Adam's Passion*, de Robert Wilson. Quanto à trilha sonora, utilizei sons naturais, em

específico, um som de baleia que ficava ressoando por alguns momentos no início da cena, que inundava o espaço, dividi o texto em partes, em que gravei a voz da atriz dizendo o texto e distribuí entre duas caixas de som. Com isso, a primeira caixa dizia o primeiro texto, iniciava em seguida a segunda, e a atriz começava a dizer seu texto após as duas caixas de som, como uma terceira voz, criando assim uma cacofonia, como se fosse um coral assíncrono dizendo o mesmo texto. A ideia para essa questão sonora veio como inspiração por meio da obra *Forty Part Motet*, de Janet Cardiff. Com isso, construí a cena aplicando as inspirações que havia recolhido ao longo do caminho. Por fim, foi possível obter o resultado esperado, após diversas tentativas que antecederam a cena final e que foi vista, revista e refeita, e comentada por quem estava na disciplina, com a junção das referências bem como a aplicabilidade das ideias que eu já carregava desde o início da graduação e os estudos durante a matéria que foram essenciais para o desenvolvimento da cena teste, para o que iria contribuir para o TCC, assim criando uma atmosfera impactante no público, como se eles adentrassem um outro mundo, o mundo da *Psicose* de Sarah Kane, tanto por meio da iluminação, quanto por meio do som, e também pela atuação impactante da atriz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, ao construir este trabalho teórico acerca dos caminhos que me trouxeram até aqui, posso fazer algumas considerações importantes. Segundo Clarice Lispector, no livro “*A Cidade Sitiada*” (1948), “perde-se também é caminho”, e ao me sentir perdido quando me vi perto de concluir o curso, não muito diferente das outras pessoas que também estão desenvolvendo seus trabalhos de conclusão, fui obrigado a testar e buscar caminhos que me trouxeram até esse ponto, e ao testar estes caminhos pude me encontrar e encontrar algo que fizesse sentido para mim e que resultou nesse trabalho. Pude voltar no tempo e revisitar minha trajetória e fazer essas ligações com o que estou produzindo hoje. Isso me permitiu fazer reflexões sérias e profundas sobre escolhas e processos que há algum tempo haviam ficado no passado, mas que fazem ainda hoje parte do que construí enquanto artista.

Portanto, a partir dessas reflexões, também pude mostrar ao leitor não só como foi parte da minha experiência acadêmica, bem como mostrar o caminho que trilhei até o texto de Sarah Kane e minhas possíveis escolhas, como a ênfase em mostrar o processo como uma parte importante e significativa, que pode mudar a perspectiva do público sobre o teatro. Voltar-me ao passado possibilitou-me rever situações e pessoas que me auxiliaram até aqui e que foram extremamente importantes para que esse processo funcionasse, e que me faz concluir, mais que nunca, que teatro não se pode ser feito sozinho. E que no meu ponto de

vista, como artista, nem se pauta apenas no processo final pois “O teatro é uma construção coletiva, onde cada participante, ao longo do processo, contribui para a criação do todo, enfatizando que o resultado final não é o único objetivo, mas sim a experiência compartilhada ao longo da jornada criativa. (ARAÚJO, 2008, P. 23).”. Até mesmo outros tipos de arte que comentei ao longo do texto foram indispensáveis como fonte de inspiração para que eu pudesse desenvolver este texto e consequentemente, o espetáculo que está por vir. Todo esse processo depende não somente do artista criador bem como de outras pessoas, seja a que produz o que você vai utilizar no seu trabalho artístico, seja a que fará a luz do espetáculo ou até a pessoa que vai limpar o espaço onde você irá produzir sua obra artística. Pode também voltar a processos anteriores e ligá-los a algo maior que neste caso é “*Psicose 4:48*”, meu trabalho prático. Retirando destes processos não só lembranças e aprendizados, bem como inspirações que me levaram a descobrir que eles também fizeram parte do processo até aqui, e de que o processo é tão valioso quanto o produto. Pois é no processo que se cria o espetáculo e não ao contrário, e essa perspectiva pode dar uma nova roupagem ao teatro, assim ao mostrar o processo que foi feito ao público, pode ser tão interessante quanto o público ver só o produto final, servindo assim também como um modo de educar o público para se atentar ao que nós artistas fazemos de mais duro: o processo pois de acordo com os pensamentos de *Peter Brook* “Em todo processo de criação teatral envolve uma multiplicidade de ações e decisões que não estão subordinadas a uma fórmula fixa, mas que surgem da inter-relação entre criadores, contexto, material artístico e público. O teatro é uma arte coletiva, em que o processo é tão ou mais importante do que o produto final.” BROOK, Peter. *O Espaço Vazio*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

É notável também que ao me perder e tentar achar caminhos para me encontrar, me aprofundi nos processos, sejam os anteriores que fiz na faculdade e relatei ao longo do texto, sejam as excursões que me ofereceram um leque de inspiração como a obra de *Janet Cardiff* ou os estudos em sala de aula, que me levaram até o teatro *Wilsoniano*, ou os breves momentos de comentários em sala de aula que me apresentaram o texto de “*Psicose 4:48*”, que é o que estou trabalhando atualmente, até os processos que envolveram a escrita deste texto, tudo isso faz parte de um todo, de um objetivo em comum: o fazer artístico. E que vem me construindo como um diretor que dá ênfase nas partes e nos processos e vê o espetáculo desde o início e que quer também que o público prove desse gosto, que é o processo, e que por vezes é amargo, mas na maioria das vezes é doce e sutil, porque é o momento em que exercitamos o nosso maior fazer artístico, a criatividade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVIĆ, Marina. Marina Abramović. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marina_Abramovi%C4%87. Acesso em: 03 out. 2024.

ADOROCINEMA. Mistress America. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-234193/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

ARAÚJO, Antonio. A encenação-em-processo. In: Anais do V Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. 2008.

BROOK, Peter. The empty space. New York: Atheneum, 1968.

CARDIFF, Janet. Janet Cardiff. Wikipedia, the free encyclopedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Janet_Cardiff. Acesso em: 03 out. 2024.

DAFOE, Willem. Willem Dafoe. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Willem_Dafoe. Acesso em: 03 out. 2024.

DE OLIVEIRA, L. S. CRAVE: UMA ANÁLISE DO PROCEDIMENTO PÓS-DRAMÁTICO DE SARAH KANE. Cena, [S. l.], n. 15, 2014. DOI: 10.22456/2236-3254.48163. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/48163>. Acesso em: 10 nov. 2023.

GLASS, Philip. Philip Glass. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Philip_Glass. Acesso em: 03 out. 2024.

GRYSCHK, Christine; COSTA, Luciano Bedin da. Psicose 4:48: a escrita de si e o CsO em Sarah Kane. Entrelaces: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC, v. 1, n. 9, p. 205-216, jan./jun. 2017.

KANE, Sarah. Teatro Completo. Portugal: Campo das Letras, 2004.

KINAS, Fernando. Bob Wilson e o impasse pós-moderno. Disponível em: <http://www.kiwiciadeteatro.com.br/pensar-o-teatro>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MUSCHKETAT, N. Yann Tiersen: A beleza em forma de música. JPN, 2 out. 2019. Disponível em: <https://www.jpn.up.pt/2019/10/02/yann-tiersen-um-misticismo-meditativo-ou-simplesmente-a-beleza-em-musica/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

PINHEIRO, Lucas. Bob Wilson e sua relação biográfica com as deficiências. Pitágoras 500, v. 8, n. 2, p. 36-44, 2018.

ROCHA, Paraguassu de Fátima. Poesia dramática: o experimentalismo de Sarah Kane em 4:48 psicose. Anais UFMG. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRAPUI_I_UFMG/literature_pdf/lit87.pdf. Acesso em: 01 dez. 2023.

SCOTT, Kitty. I want you to walk with me. In: CARDIFF, Janet. The Missing Voice (Case Study B). London: Artangel, 1999. p. 4-16.

SCHILLER, Friedrich. Friedrich Schiller. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Schiller. Acesso em: 03 out. 2024.

SP Escola de Teatro. Série Grandes Dramaturgos: Sarah Kane. Disponível em: <https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/serie-grandes-dramaturgos-sarah-kane>. Acesso em: 11 out. 2023.

THE PIANO GUYS. The Piano Guys. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Piano_Guys. Acesso em: 03 out. 2024.

TIERSEN, Yann. Yann Tiersen. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Yann_Tiersen. Acesso em: 03 out. 2024.

TURNER, Victor. Victor Turner. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Victor_Turner. Acesso em: 03 out. 2024.

WILSON, Robert. Robert Wilson (encenador). Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Wilson_\(encenador\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Wilson_(encenador)). Acesso em: 03 out. 2024.